

# A RELIGIÃO E O RITUAL DENTRO DO SAGRADO FEMININO - “O CANTO DA CARPIDEIRA”

## RELIGION AND THE RITUAL WITHIN THE SACRED FEMININE - “O CANTO DA CARPIDEIRA”

Nicolly Evannys Zifirino Lima 1  
Olívia Aparecida Silva 2

**Resumo:** O presente trabalho pretende fazer uma análise antropológica de cunho bibliográfico onde literatura, história e imaginário são articulados no romance regional *O Canto da Carpideira*, de Lucelita Maria Alves. Buscará relacionar a importância da religião como interpretação da realidade e como os ritos são sustentados na sociedade. Ainda, será observado como o conceito do que se entende por sagrado é manifestado nas estruturas sociais. Dentro dos diversos tipos de rituais existentes destacam-se, os rituais de ordem mortuária, e sua importância como moral do indivíduo; também, na estruturação social, a forma que a figura feminina se relaciona com o “sagrado”, e como esta concepção foi construída pela ordem mítica. Para tanto, utilizaremos os conceitos de religião, ritual e sagrado em Durkheim, Rodrigues e em Peirano. Este trabalho faz parte de pesquisas realizadas no Programa de Pós Graduação de Letras - PPGLETRAS, Porto Nacional – Tocantins, para tanto, serão realizados levantamento bibliográfico e análise literária com o objetivo de mostrar a construção simbólica dentro do imaginário popular e como estas construções são repassadas, afirmadas e percebidas a partir do que se entende por normalidade.

**Palavras-chave:** Feminino. Religião. Ritual. Sagrado.

**Abstract:** The present article intends to make an anthropological analysis of literature where literature, history and imagery are articulated in the regional book “*O Canto da Carpideira*, by Lucelita Maria Alves. It will seek to relate the importance of religion as an interpretation of reality and how rites are sustained in society. Moreover, it will be observed how the concept of what is meant by sacred is manifested in social structures. Within the various types of existing rituals stand out, the mortuary rituals, and their importance as moral of the individual; also, in social structuring, the form that the female figure relates to the “sacred”, and how this conception was constructed by the mythical order. To do so, we will use the concepts of religion, ritual and sacred in Durkheim, Rodrigues and Peirano. This work is part of research carried out in the Postgraduate Program of Literature - PPGLETRAS, Porto Nacional - Tocantins. For this purpose, a bibliographical survey and literary analysis will be carried out with the objective of showing the symbolic construction within the popular imaginary and how these constructions are transferred, affirmed and perceived from what is meant by normality.

**Keywords:** Female. Religion. Ritual. Sacred.

Mestranda em Letras- Literatura, especialista em Metodologia do Ensino de Artes, Graduada em Artes - Teatro - Licenciatura. E-mail: nicolly.lima@ifto.edu.br

Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (1992), mestrado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (1997) e doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília (2005). Atualmente é professora associada da Universidade Federal do Tocantins. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, narrativa contemporânea, memória, autobiografia. E-mail: olivia@mail.uft.edu.br

## Introdução

Dentro das convenções sociais existem fatores que se consolidam como bases de conhecimento e carregam heranças incertas, por isso algumas convicções apresentam-se dúbias ou incoerentes, contudo devido à tradição e à força desses aspectos tornam-se difíceis desmistificá-los ou até mesmo ignorá-los.

Um exemplo desses aspectos seria a religião, por meio dela são afirmados dogmas que se baseiam em crenças, que podem ou não serem fundamentadas em uma base de saber concreta, no entanto, a sua aceitação é mais relacionada a uma opinião que é fortalecida dentro de uma tradição do que em uma fundamentação lógico-racional.

A noção do que entendemos por religião é muito mais primitiva do que as definições da mesma como prática sacra. Durkheim (1996,p.28) afirma que “os homens foram obrigados a formar uma noção do que é religião muito antes da ciência da religião ter podido instituir as suas comparações metódicas”.

Para Durkheim (1996, p.40), o homem se apropria da religião “sendo crente ou descrente para representar de alguma maneira as coisas no meio das quais vivemos, mesmo que essas noções se formem de maneira não formal ainda assim devem ser seguidas”.

Neste sentido o real significado da religião para o individuo “não é aos nossos preconceitos, as nossas paixões, aos nossos hábitos, que devem ser pedidos os elementos da definição que nos é necessária, é a própria realidade que trata-se de definir “ (DURKHEIM, 1996, p. 28)

Sendo a realidade como definição de religião defendida por Durkheim, todos os fatos que são pertinentes a vida acabam por serem analisados. Fatos estes que se tornam comuns a todas as comunidades por fazerem parte da condição humana: como o nascer e o morrer, recebendo assim uma significação dentro de uma crença.

De modo que a religião é usada para dar sentido às coisas da realidade, sejam elas ao que é de fácil entendimento e as que ultrapassam os sentidos, chamadas de sobrenatural. Para Durkheim (1996,p.29),“o sobrenatural é o mundo do mistério, do incognoscível, do incompreensível”.

A este mistério atribuído ao sobrenatural, foram também se fundamentando várias religiões, contudo, existiram fatores que deixaram de ser superstições e encontraram uma explicação lógico-racional devido ao desenvolvimento das ciências e principalmente na modernidade.

Aos fatores que não conseguiram ser explicados, o homem cria significados por meio dos mitos e nos ritos os executa. Na ritualização do inexplicável, “ele não as vê como uma espécie de *ultima ratio* a que a inteligência só em desespero de causa se resigna, mas como a maneira mais imediata que tem de se representar e de compreender o que se observa a sua volta” (DURKHEIM,1996, p. 30)

Os mitos e os ritos aparecem como uma forma de dar sentido e domínio ao que o homem não compreende e mesmo assim se fazem importantes por pertencerem a sua realidade. Peirano (2000,p.6) aponta que “o mito, então, seria o pensar pleno, superior ao rito que se relacionava com a prática.”

Dentre todas as coisas que permanecem como inexplicáveis ou coexistem por força de uma tradição, foram criados rituais para diferentes estados e grupos sociais. Os rituais de origem mortuária são considerados de grande relevância, pois embora cada sociedade tenha uma maneira diferente de se relacionar com a morte e, sobre isso criar suas praxes fundamentadas em suas religiões, os mortos nunca são simplesmente abandonados.

Morin (1970,p.24) atribui esse respeito aos mortos ao afirmar que “os mortos são a imagem dos vivos”, e que “só poderemos compreender a humanidade da morte ao compreender a especificidade do humano”.

A obra literária intitulada “*O Canto da Carpideira*”, da escritora tocantinense Lucelita Maria Alves, estabelece uma relação entre a morte e vida. Este elo não é reduzido ao fato da morte ser a finalização da vida, mas em como a morte acompanha constantemente os que vivem, de modo que não há como se desvencilhar dela.

No romance sempre existe menção à morte de alguém, de modo que algumas das personagens estão constantemente aguardando o morrer e preocupando-se com as consequências da sua própria morte para os que vivem. “Tudo era igual. Nada era rotina. A morte não era igual. A morte era rotina.” (ALVES, 2014, p.44).

Entre a rotina da morte é percebido que, apesar do morrer ser um processo considerado natural ao ser humano, esta ação tornar-se uma “convensão” pertinente a todos os indivíduos, e por mais que o luto seja esperado o morrer ainda não é bem aceito dentro da normalidade.

E como não existe uma explicação para o estado de morte fora das causas biológicas, foram criados processos ritualísticos, baseados em uma mitologia, que são feitos para o morrer de alguém. Dentro dessas práticas, a depender do rito, vão existir pessoas que têm ofícios específicos para este momento fúnebre.

Dentro desses ofícios considerados sagrados o romance apresenta a função da parteira, raizeira e carpideira, fazeres estes que se mostram significativos em cenários que não apresentam desenvolvimento em questões de medicina básica e em locais que são de praxes abandonados por estarem longes dos grandes centros urbanos.

Além disto, no romance é apresentado como a vida das pessoas da comunidade estaria ligada a mulheres que realizam estas atividades, de modo que elas tornam-se quase entidades, devido à importância de seus ofícios dentro do grupo social.

As personagens que exercem essas ocupações, de forma simbólica, executam uma função considerada sagrada, especificamente no romance, esta característica é atribuída a mulheres porque se supõe que trabalhar com fatores elementares entre o viver e morrer requer uma sacralidade, e esta característica seria exclusiva do feminino.

Isto porque as mulheres miticamente apresentariam de acordo com Rodrigues (1975) uma relação com a Natureza que as transformam em um ser sacro. A depender da cultura mereceriam as mesmas, pela sua biologia, serem preservadas ou reclusas “a exposição da mulher a periodicidade biológica, fez com que em muitas sociedades ela fosse considerada como uma fonte de poder religioso ou mágico outras sociedades tornaram-na afastada desses poderes e inferior no escalonamento da dignidade religiosa” (p. 85/86).

Ao procurarmos uma relação de fatos sociais, na conjectura entre a realidade e a ficção, procuramos compreender a construção dos processos imaginários e suas relações históricas, de modo a usar a literatura, segundo a visão de Candido (2012,p.82), como “força humanizadora, não como um sistema de obras. Como algo que exprime o homem depois atua na própria formação do homem.”

Com a literatura servindo de suporte, o presente artigo aponta a construção da mulher como parte de um sistema social e também como ser sagrado, de modo que a figuração feminina exprimiria tanto uma posição dentro de uma prática ritualística, a medida que sobre esta imagem é construído um estereotipo do que representaria ser mulher.

## A Religião, O Ritual e a Morte

Na construção de uma sociedade, independente das características estruturais dos grupos, mesmo em toda a diversidade, existiram aspectos que se tornam comuns a todos, ainda que haja uma (pré) conceituação sobre a suposta “modernidade” ou “primitivismo” de determinados povos.

Lewis Henry Morgan em seu livro “Sociedade Antiga” (2014,p.51), define que independente de como se formou uma sociedade, no decorrer do seu desenvolvimento, ela estará pautada nos seguintes aspectos: subsistência, governo, linguagem, família, religião, vida doméstica, arquitetura e, por último, na propriedade. Ainda na visão de Morgan, esses aspectos embora sejam comuns a todo e qualquer grupo, eles não se organizam de maneira análoga nas comunidades.

Ao nos concentrarmos na religião, é importante ressaltar que ela se constitui como um dos pilares de qualquer sociedade, ainda que na contemporaneidade alguns, por uma ligação teológica, a considerem como primitiva ou até mesmo arcaica, devido ao que chamamos de evolução científica.

Durkheim (1996, p.214) afirma que apesar de existir uma dominação científica, “vastos sistemas de representações que desempenharam na história das ideias um papel considerável e onde ele é frequentemente desconhecido: são as mitologias, desde as mais grosseiras até as mais engenhosas”, de modo que, por mais arcaico que uma crença venha parecer, ela ainda assim tem seu papel na construção de um povo.

Apesar de muitas práticas apresentarem um caráter excêntrico ou inadequado, a depender do observador, Morgan (2014, p.52) vai definir que não é possível uma “explicação perfeitamente

satisfatória para os aspectos religiosos nas comunidades”, contudo “a religião trata, em tão grande medida, da natureza imaginativa e emocional e conseqüentemente, de tão incertos elementos do conhecimento, que todas as religiões primitivas são grotescas e, numa certa medida, inteligíveis”.

Ainda que Morgan (2014, p.52) afirme um caráter inteligível presente nas religiões, essa definição parte de um olhar externo, isto porque dentro de cada grupo a sua forma religiosa assim como seus ritos, por mais estranhos e banais que pareçam a quem observa, são práticas perfeitamente cabíveis e plausíveis para quem as executa.

Dentro da complexidade ao tentar racionalizar o conhecimento de outrem, Durkheim (1996,p.31) vai afirmar que “foi a ciência e não a religião que ensinou aos homens que as coisas são complexas e nada fáceis de compreender”, isto porque, a religião contribui para a construção do imaginário, da cultura e principalmente na consolidação de um povo, mesmo nas suas divergências.

Nas concepções religiosas de cada comunidade, para a academia, não é necessário explicar, invalidar ou fundamentar um processo religioso dentro de uma teologia, isto porque, segundo Durkheim (1996,p.206), “não existem religiões falsas. A sua maneira, todas são verdadeiras, todas respondem mesmo que de diferentes formas a condições dadas da existência humana”.

Por estas razões, é imprescindível que reconheçamos a importância dos fenômenos religiosos na formação da identidade de um povo, sem considerar as implicações dogmáticas como parâmetros de verdade:

A maioria desses pensadores tomou a si a implícita posição teológica de tentar explicar, ou invalidar por meio de explicações, os fenômenos religiosos, considerando-os produto de causas psicológicas ou sociológicas dos mais diversos, e até conflitantes, tipos, negando-lhes qualquer origem sobre-humana; mas ninguém negou a extrema importância das crenças e práticas religiosas para a manutenção e a transformação radical das estruturas humanas, tanto sociais quanto psíquicas. (TURNER, 1987, p. 16)

A religião não apresentará como objetivo a definição de uma lógica racional-científica para a condição humana e da existência, mas sim uma construção de um imaginário mitológico que se faz significativo para os que creem isto justificaria a necessidade dos ritos dentro das concepções religiosas.

Durkheim (1996, p.223) afirma que “a verdadeira função da religião não é fazer-nos pensar, enriquecer nosso conhecimento, acrescentar às representações que devemos à ciência representações de uma outra origem e de um outro caráter, mas a de fazer-nos agir, auxiliar-nos a viver” .

Nesta busca para a significação da vida as crenças e os ritos aparecem na estruturação e figuração de práticas religiosas. Montero (2014, p.128) define que as práticas religiosas são sistemas de representações, e elas vão se dividir entre a crença e o rito “por meio das crenças, a sociedade define a qualidade das coisas sagradas e, pelo rito, sanciona institucionalmente as modalidades autorizadas de atitudes do homem diante do sagrado.”.

Os ritos remetem a elementos comunicativos da sociedade, contudo eles não são destinados somente a práticas consideradas religiosas, em suma, se existe um ato e este for sistematização dentro de um consenso social, a este fenômeno implicará um ritual. Peirano (2003, p.11) cita como exemplos de rituais não canônicos “formatura, eleições, jogos de futebol”.

Os ritos ou rituais vão construir um sistema de comunicação simbólica. De acordo com o antropólogo Stanley Tambiah:

Ritual is a culturally constructed system of symbolic communication. It is constituted of patterned and ordered sequences of words and acts, often expressed in multiple media, whose content and arrangement are characterized in varying degree by formality (conventionality), stereotypicality (rigidity), condensation (fusion), and redundancy (repetition). (TAMBAH, 1979 p.119)

Ao tratarmos de representação ritualística e seus simbolismos na obra literária “*O Canto da Carpideira*”, é presente a performatividade de ritual de ênfase mortuária; o romance em si não apresentaria especificamente a morte como temática primordial, contudo, em alguns momentos da narrativa existem descrições precisas na concepção e execução de ritual lutuoso.

O primeiro momento é na morte da filha e dos netos gêmeos da idosa Nena (p.39); o segundo, ao final da narrativa na morte da própria idosa Nena (p.226). O que se torna interessante é que o ritual não apenas com a finalidade de um enterro.

Toda concepção até a execução, são fundamentais para que o enterro seja efetivo, e esta performance feita a favor do corpo moribundo apesar de ser uma concepção totalmente mítica é aceita sem questionamento por todos os membros da comunidade.

Segundo Tambiah (1979,p.119), o que caracteriza uma ação como ritualística seria: sequência, estereotípiia, condensação e repetição. Na obra literária, esses aspectos são confirmados da seguinte forma: Após a morte de alguém ser confirmada são realizadas “rezas funerárias” na casa do morto ou da sua família (p.38); a visitação das pessoas (p.39); a presença da carpideira para fazer o lamento(p.39); o caixão ou caixa onde o morto fica com algum tipo de adorno (p.45); o momento de reverência no fechamento do “caixão” (p. 48,49); o cortejo do corpo do momento em que é retirado do local de visitação até o cemitério (p. 51); a reverência entre o momento em que o corpo é colocado na cova (p. 55); ao depositar o corpo na cova são ministradas palavras ou cânticos de origem sacra até o momento em que o caixão é enterrado e as pessoas vão embora do cemitério ( p. 59).

Em uma comparação entre o romance ficcional e as práticas ritualísticas dentro da cultura, existe um respeito com a anunciação da morte, a obra não deixa claro como é feita esta comunicação ao povoado, contudo o ato de divulgar a morte confere deferência.

Após a notícia ser espalhada - independente do método - ocorre o processo de visitação. O ato de visitar o morto não indica necessariamente que exista um vínculo entre a família enlutada e as demais pessoas, mas sim uma forma de respeito e de práxis tradição, destarte seria de maior prestígio a visita durante a morte do que em vida. “O povaréu foi chegando devagar, assim que a notícia correu”.(ALVES, 2014,p.39)

Esta aglomeração de pessoas durante eventos fúnebres traz uma dicotomia entre o que pertenceria ao público e ao privado, isto porque embora a morte seja individual ela só parece existir quando se faz pública.

Ariès (2014,p.23/24) ao descrever ritos mortuários aponta uma relação da publicidade da morte com o avanço da medicina. Segundo o autor, antes da evolução da medicina, ou seja, até o século XIX, as pessoas tinham “menos medo de morrer do que de morrer só” então quando a morte já era anunciada, seria um costume que todos fossem visitar o moribundo a fim de que ele pedisse perdão e demonstrasse bondade. Quando alguém estava doente, qualquer um podia entrar na casa para visitá-lo, mesmo que não fizesse parte do círculo de amigos ou conhecidos.

Ainda de acordo com Ariès (2014,p.24),com o avanço da medicina e do conhecimento de muitas patologias, inclusive a forma de contaminação, o morrer vai se tornando algo solitário, primeiro porque ao prolongar a vida e adiar a morte, não é possível saber quando o dia fúnebre chegará, mas ao mesmo tempo quando as pessoas conseguem prolongar a vida, elas se isolam em hospitais e acabam por morrerem sozinhas. “Sempre se morria em público. Daí o sentido forte da palavra de pascal que se morre só, porque nunca se estava só, fisicamente, no momento da morte. Hoje isso tem apenas um sentido banal, já que na verdade temos todas as chances de morrer na solidão de um quarto de hospital.” (ARIÈS, 2014,p. 24)

O costume da visitação demonstra, de acordo com Ariès (2014,p.24), “a simplicidade familiar” e a “publicidade da morte” que “persistirá até o fim do século XIX” .

Outro fato que merece atenção dentro do processo ritualístico mortuário é a temporalidade do ritual; desde o morrer até a despedida com o enterro, isto não significa a existência de um período que seja determinado para a legitimação da ação lutuosa, ou para a realização de todas as partes do evento.

No romance em questão a temporalidade é sempre enfatizada, o “esperar” antes de se enterrar reforça a importância da ação ritualística. “O velório havia começado lento, cortado por sussurros e ladainhas. Quando o sol estava indo para o meio do céu, a claridade apontava para

perto das doze horas do dia. (p.39) “Ainda era dia, mas a noite não tardaria” (p.59)

De acordo com Galeno (1977, p.22), uma das explicações para a duração do ritual, viria de superstição, isto porque existe uma lenda em que é preciso que se decorra vinte e quatro horas do “passamento ao enterro, devido ao receio de que, enterrando-se antes talvez a pessoa esteja viva e possa retornar”. Outra possível justificativa, ainda de acordo com Galeno (1977,p.23), retornaria ao processo de visitação, também chamado de sentinela, onde “parentes, amigos e conhecidos do morto ou da sua família vão prestar-lhe a última homenagem”.

A existência de todo este sistema ritual, reforçado pela coletividade e união do grupo afirma que a morte se torna de maior importância para os vivos do que para os mortos. “A morte é até o que é de mais vital na vida” (FEURBACH apud MORIN, 1970, p.248). Isto porque povos de diferentes culturas ritualizam este evento, mesmo que não se tenha confirmação alguma da eficácia destes atos, além disto, estar presente e participar ativamente do ato demonstraria um dever mais moral do que ético sobre o morrer.

Isto porque, os únicos que celebram a morte são os vivos que não passaram por ela, mas mesmo assim sentem a necessidade de fazê-lo:

A morte é a única experiência humana que não podemos partilhar – é impossível representar a própria morte, a não ser como espectador, pelo que é sempre através do que acontece aos outros que dela tomamos conhecimento ou proximidade, pois, quando chegar a nossa vez, já não poderemos comunicá-la. (GUERREIRO, 2014,p.176)

A moralidade que se manifesta no morrer demonstra que independente de decomposição biológica ou até mesmo da não existência de um corpo factual, não se abandonam os que morreram. Para Rodrigues (2006, p.20), “trata-se de uma obrigação moral, e da necessidade de exprimir alguma coisa. Trata-se de reconhecer no corpo o seu valor expressivo, porque o corpo humano morto não pode ser considerado um cadáver qualquer.”

Independente da condição econômica, social e até do conceito de dignidade que o morto tenha tido em vida, é comum que todos os cadáveres passem por um processo ritual. Um corpo que não passou por um processo de rito, e não tem sua morte como pública, independente das causas, é como se sua existência nunca tivesse sido finalizada.

Embora a morte seja considerada como o fim de uma vida, a sacralização e a ritualização do morrer torna-se a maior prova da vitalidade e da existência do que o próprio corpo factual.

## O Feminino e o Sagrado

Apesar de muito comumente o sexo pressupor uma ordem social dentro das comunidades, no romance “*O Canto da Carpideira*”, existe uma quebra do que seria inerente ao feminino e ao que o feminino realmente abrangeria. Essa dissonância se configura entre a mulher como estereótipo, institucionalizado, e ao que a mulher é obrigada a condicionar-se.

Este aspecto é visto principalmente quando, dentro da obra, as personagens femininas carregam tanto papéis institucionais quanto simbólicos. A exemplo de forma institucional supõe-se que mulheres são natas de uma chamada feminilidade e, devido a isto, existiriam condições específicas devido ao sexo.

A primazia para este pensamento seria a suposta existência de uma “natureza feminina”, condicionada por genes biológicos para comportamentos sociais. Para Kehl (2007):

A feminilidade aparece aqui como o conjunto de atributos próprios a todas as mulheres, em função das particularidades de seus corpos e de sua capacidade procriadora; a partir daí, atribui-se às mulheres um pendor definido para ocupar um único lugar social -a família e o espaço doméstico, a partir do qual se traça um único destino para todas: a maternidade. (p.48)

A “natureza feminina” pertenceria de maneira inata à esfera doméstica e, por este motivo, a atribuição da feminilidade como característica unicamente feminina. Esse determinismo foi baseado em um único fator biológico: como a mulher seria responsável por gerar filhos à maternidade seria destinada unicamente a ela.

Este condicionamento da identidade feminina pelo útero ignora ao mesmo tempo em que reduz a capacidade das mulheres, e de forma contraditória despreza o fato do sistema reprodutor necessitar também de um corpo masculino para existir a procriação.

Isto ocorre porque as relações humanas não seriam constituídas somente por determinações biológicas, mas em grande parte por mitologias, que de forma extremamente simbólica condicionaria especificamente o feminino de forma inata a maternidade e ao que seria pertinente ao doméstico como: prole, casa e casamento.

Dentro deste simbolismo foi construído o estereótipo feminino, de modo que as mulheres são colocadas em submissão constante para manter-se neste padrão ; a quebra ou a tentativa de fuga deste modelo colocaria esta mulher primeiramente a um julgamento social e depois uma falta de referência (decência), pois a sua imagem já é atrelada ao doméstico, mesmo que ela não se identifique com isto.

No romance algumas personagens femininas não se enquadram no conceito formal de feminilidade; primeiro pela ausência da maternidade, contudo embora para essas mulheres não exista um laço biológico que as ligue a uma prole, ainda sim, pelo condicionamento do corpo, devem ser destinadas aos cuidados de outrem.

Isto porque, popularmente, o dever de cuidar de alguém, não é limitado apenas pela maternidade, mas sim por um comportamento social que impõe implicitamente o cuidado unicamente às mulheres, elas seriam responsáveis pelos idosos, outras mulheres, homens, crianças, principalmente em regiões pobres. “A menina carecia de cuidados de mulher.” (ALVES, 2014, p. 228)

Este pensamento é puramente decorrente da imagética feminina como “mãe” e de forma grosseiramente popular como própria ao cuidado por ser “maternal”, as diferenças anatômicas condicionadas pelos sexos feminino e masculino, sejam elas físicas ou biológica são sim factuais, contudo, não determinam este padrão comportamental que é fruto unicamente de uma construção social fortalecida pelo patriarcado, que subalterniza corpos que não são masculinos.

Outra problemática envolvida nessa construção se apresenta quando um dos sexos desempenha tanto atribuições pertinentes ao doméstico quanto ao social; factualmente esta dupla função é exercida de forma majoritária por mulheres, que foram levadas a isto por diversas circunstâncias, contudo este esforço que quebraria estereótipos de gêneros é invisibilizado, ainda que esta ação rompa os padrões estereotipados.

No romance, esta duplicidade de funções é quase que obrigatória às personagens femininas, contudo por uma construção social complexa elas só poderiam executar ofícios relativos ao doméstico que seriam, popularmente, inerentes ao feminino como: doceira, lavadeira, parteira, costureira (...), entretanto ainda assim caberia para estas mulheres o sustento e o cuidado do lar.

Apesar de mulheres conseguirem executar a dupla função, de forma institucional isto é menosprezado por indicar uma ausência masculina, E por uma construção patriarcal, mesmo que a mulher consiga com maestria cumprir múltiplas funções, ainda sim seria necessária uma figura masculina que lhe afirme como família ou como mulher.

O sucesso do estereótipo familiar estaria na obrigatoriedade da figura masculina como sinônimo de felicidade e de perfeição, estruturando a “família nuclear”. Esta construção, que é totalmente simbólica, se encontra mais solidificada em condições míticas do que necessariamente no empirismo e, de modo negativo, obrigariam todos os modelos de família que não alcançam ou fogem deste padrão a serem considerados anormais ou insuficientes.

“O povaréu daquele lugarejo não conhecia arroubos de sorrisos, de alegrias genuínas, mesmo que fosse um dia abençoado em que uma viúva pobre arruma a vida juntando-se a um homem de bem, trabalhador. Um homem de exemplo” (ALVES, 2014, p. 35)

No romance qualquer modelo familiar que não apresente um homem, na condição de marido, é rebaixado ou inferiorizado, a exemplo quando a filha de Nena torna-se viúva mesmo que conseguisse ainda que na precariedade manter a casa, um próximo casamento ainda é esperado como consolidação de uma “família de verdade”

Dentro das mitologias que constroem estes simbolismos, estaria a ligação da mulher com a Natureza. Rodrigues (1975, p.86) aponta que miticamente o corpo feminino está ligado biologicamente a funções da Natureza, como gestar, parir, sangrar (...). Esta ligação colocaria a mulher em uma posição de mediadora “em virtude de estar mais sujeita a seus processos” e a ela seria concedida a função de educar. “Aos homens estariam reservados os níveis mais elevados e sofisticados da tarefa socializadora”

Devido à mulher estar mais próxima à Natureza, por um elo biológico, alterar sua função simbólica afetaria o que chamamos de sagrado. A consideração da mulher como ser sagrada, parte do pressuposto de que a ela é incumbido a vida, de modo que tanto o futuro quanto o fim de uma nação seria designado pela sua capacidade de gerar vida ou negar-se a isto.

Com a geração de filhos, a família entra no sagrado como sinônimo de perpetuação. Segundo Kehl (2008, p.44), dentro do conceito de civilização quando os indivíduos abandonam o nomadismo e passam a constituir o que chamamos de família nuclear moderna, “a família torna-se um lugar sagrado, cuja harmonia e tranquilidade estariam a cargo daquela que cada um escolheu para esposa.”

Na configuração do sagrado feminino, entraria a relação mítica do feminino com a Natureza, assim como a estruturação e cuidado da “família”. Por este motivo a mulher seria sagrada primeiramente por sua “essência” biológica, e depois por ser responsável pelas atribuições consideradas de maior importância para a sociedade, como a formação dos núcleos familiares.

Possuir o sagrado não qualificaria a mulher necessariamente como superior, isto porque ao que é considerado sagrado caberia à preservação, por se tratar do feminino uma eterna subalternização.

O ser sagrado é o ser proibido que não pode ser violado do qual não ousamos nos aproximar, porque ele não pode ser tocado. Está permanentemente protegido desse contato pelas interdições que o isolam e protege do profano. Tudo que é sagrado existe a parte: não pode ser colocado em pé de igualdade com o que é profano e muito menos estar com ele misturado. (RODRIGUES, 1975, p.25)

Criado o estereótipo de sagrado ao feminino, subentende-se a preservação na forma de proibição; quando a mulher não centraliza unicamente a família nas suas obrigações e navega por campos externos, que pertenceriam aos homens, socialmente ela se torna uma transgressora e isso afeta o modo como ela é vista dado a sua condição sacra.

Outra forma considerada transgressora procedida pela mulher como ser sagrado, é quando a mesma se recusa a maternidade, algo que socialmente seria considerado um instinto natural feminino. A negação do materno, seja por um desinteresse ou pela procura de um novo método que fuja do viés do “casamento”, tido também como sagrado, afetaria também a forma como o mundo subjuga a presença feminina.

Clément e Kristeva (2001) apontam que “as liberdades que nós (*mulheres*) adquirimos graças a contracepção e a fecundação artificial não impedem que o desejo da maternidade tenha permanecido ou permaneça como a onda portadora da experiência feminina”. Em âmbito social e pela tradição, o corpo feminino ao fugir da convenção (casamento) e ao procura por novas formas de concepção que destoam da fecundação natural e de certo modo ignoram o patriarcado, seria também uma transgressão ao sagrado.

Como ser sagrado, mesmo fora das convenções religiosas, para Rodrigues (1975) a mulher é vista como símbolo, e qualquer mudança comportamental da mesma enquanto grupo, poderia romper toda uma cultura:

Fundamentalmente, a mulher, mais que o homem, tem a potencialidade de funcionar simbolicamente como perturbador dos sistemas sociais de classificação, uma vez que é um ser da Cultura, ostensivamente submetido a processos naturais que escapam aos esforços que o aparelho cultural dispense a controlá-los. Nesses períodos, a própria



mulher coloca-se fora da Cultura e se aproxima da Natureza (...).(RODRIGUES,1975, p.86)

No “*Canto da Carpideira*”, o sagrado feminino também é manifestado nos ofícios que são exercidos por algumas mulheres, e somente por estas funções sacras estas personagens são reverenciadas.

Este estigma de consagração é reforçado quando os corpos femininos desempenham papéis visto como místicos, no romance, funções que trabalham com a vida e a morte:

“Não havia família presente, das quatro que ali estavam que não tivessem convivido de alguma forma com a velha benzedeira e carpideira, tanto para o bem quanto para o mal, Ou na cura ou no contendo pelas rezas ou no exercício do seu ofício em entoar a morte. (ALVES, 2014, p. 47)

As mulheres que ocupam ofícios vistos sagrados como: benzer, parir,carpir (...), possuem estas atribuições não somente por questões de habilidade ou técnica, mas sim pelo simbolismo que colocariam as mulheres como mais sensíveis e dignas a tocar em outros corpos com maior respeito que um homem.

Logicamente na contemporaneidade, homens exercem funções relacionadas ao sagrado e ao corpo com o amparo da medicina, mas dentro de uma herança cultural o elo original seria da mulher, justamente por sua imagem como ser simbólico, e por serem consideradas popularmente mais aptas às questões do corpo, da vida e da morte.

As mulheres que apresentam ofícios considerados sagrados, carregam a dualidade de sentimentos em relação ao olhar do outro; se por um lado a ligação com o sagrado lhes garantiria respeito em forma de reverência; por outro também apresentaria o medo e o estranhamento, justamente por lidarem com o que não é facilmente entendido, o místico e o sobrenatural. “A parteira e a carpideira, na dualidade de suas labutas diárias, eram portadoras de bons ou maus presságios” ( ALVES,2014,p. 149)

O sagrado pode ser visto de duas formas: com deferência ou com estranhamento, de qualquer forma em ambos os casos, este corpo feminino considerado sagrado deveria crescer sendo proibido de conhecer ou desfrutar de diversos aspectos da vida social a fim de manter sua pureza.

Por este motivo nos grupos sociais, a mulher deve ser sempre preservada, e pela manutenção deste estereótipo ela é colocada em um local de difícil ou quase nula transição.

Quando uma mulher rompe ou se recusa a exercer o que foi construído socialmente como inerente a ela, independente do âmbito, a mesma sempre julgada e colocada por sua conduta transgressora na condição de promíscua ou insuficiente.

## **Considerações Finais**

Todos os grupos sociais criam formas organizacionais que se tornam comuns a outras sociedades, seja de forma intencional ou não, dentro destas criações as comunidades procuram lógica, organização ou explicação para aspectos da realidade.

O que é real aos povos pode ser explicado de forma simples e concreta, ou dentro de mitologias que se ocupariam do chamado sobrenatural. A maneira que os indivíduos procuram significações é criada também mitologias para o que não podem compreender, e a depender do tempo em que essas crenças são permeadas acaba sendo difícil se desfazerem ou ignorarem as mesmas, ainda que se tenha encontrado uma solução mais adequada para as questões antes indissolúveis.

À religião é atribuída à função da significação da realidade, e dentro dos sentidos criados existem os dogmas, os mitos e os ritos. Não cabe à academia validar ou contestar as crenças presentes nas manifestações religiosas, porque sua importância não está na veracidade da tradição, mas sim em como essas manifestações agem sobre uma sociedade.

Dentro das variedades de rituais existentes, os rituais de origem mortuária são considerados importantes, pois sempre é um rito feito para alguém e quem o faz espera que seja feito o mesmo por si, quando a sua vida se findar. De modo que rituais fúnebres se tornam de maior importância

para os vivos do que para os próprios mortos.

Os rituais podem ser tanto sacros quanto não canônicos. Independente de existir um caráter religioso dogmático, o que é representado ou está presente nessas práticas são consideradas sagradas e por isso são reafirmadas ou reverenciadas nos ritos.

No romance, *O Canto da Carpideira*, embora a morte e o ritual não sejam necessariamente o foco primordial da narrativa, o morrer e as consequências da morte trazem sequelas constantes sobre seus personagens e por isto no decorrer da narrativa são apresentados detalhes de um dos tipos de ritual de ordem mortuária.

Ainda na narrativa, existe a presença majoritária de personagens femininas, que desempenham ofícios importantes principalmente por serem simbólicos, além disto, estas mulheres atuam tanto na esfera doméstica quanto pública, devido a uma condição de subalternidade criada em decorrência do seu sexo por uma sistematização patriarcal e como consequência deste sistema elas não merecem reconhecimento ou são destinadas a viverem esperando a presença masculina.

Dentro destas construções sociais sobre o corpo feminino, por meio de mitologias, existe a atribuição do sagrado à mulher. A primazia para o corpo feminino ser considerado sagrado estaria primeiramente ligada a uma condição biológica, e posteriormente por um estereótipo de gênero fortalecido por uma subalternização da mulher em relação ao homem, tudo em detrimento da “família”.

Ao sagrado feminino, caberia à preservação, e caso alguma mulher se oponha a esta sistematização, fruto de um construto social do patriarcado, a mesma é condenada tanto por uma transgressão institucional quanto simbólica.

## Referências

- ALVES, Lucelita Maria. **O Canto da Carpideira**. Palmas-TO. EDUFT. 2014.
- ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. Editora Unesp, 2014.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de males, 2012.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução Paulo Neves. 1996.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GALENO, Cândida Maria S. **Ritos fúnebres no interior cearense**. Editora H. Galeno, 1977.
- GUERREIRO, Emanuel. **A Ideia de morte: do medo à libertação**. Revista Diacrítica, v. 28, n. 2, p. 169-197, 2014.
- KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. Imago, 2007.
- MONTERO, Paula. **A teoria do simbólico de Durkheim e Lévi-Strauss: desdobramentos contemporâneos no estudo das religiões**. Novos estudos CEBRAP, n. 98, p. 125-142, 2014.
- MORGAN, Lewis Henry. **A sociedade antiga**. Expresso Zahar, 2014.
- MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Europa-América, 1970.
- PEIRANO, Mariza GS. **A análise antropológica de rituais**. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2000.
- PEIRANO, Mariza GS. **Rituais ontem e hoje**. Zahar, 2003.
- RODRIGUES, J. C. **Tabu do Corpo**. 1975. Rio de Janeiro: Achiamé.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2006.

TAMBIAH, Stanley Jeyaraja. **A performative approach to ritual**. In: **Proceedings of the British Academy London**. 1979. p. 113-169.

TURNER, Victor. **O processo ritual**. Petrópolis. Vozes, 1974.

Recebido em 3 de dezembro de 2018.

Aceito em 12 de abril de 2019.